



---

## APRESENTAÇÃO

O Dossiê que ora trazemos à público aborda, em suas distintas reflexões, diálogos entre literaturas indígenas e africanas de autoria feminina, movimentando a consciência crítica e dos estudos literários que durante muito tempo privilegiou autores masculinos elevados à categoria de cânone. Este fascículo da **Revista Igarapé** pretende ser um espaço de diálogo onde se possa pensar nas aproximações e distanciamentos presentes na literatura indígena, na literatura africana e afro-brasileira, seja em narrativas ou em poemas, problematizando os possíveis encontros entre: ancestralidade, tradição e contemporaneidade; o papel da mulher nas sociedades elencadas; oralidade e escrita; multilinguismo; curandeirismo, religiosidade; animismo; perspectivismo; descolonização; memória individual e coletiva, além de outros debates pertinentes.

Este portfólio, nascido a partir dessa provocação, apresenta elucubrações de pesquisadoras e pesquisadores que quiseram dividir conosco inquietações em forma de artigos que expõem as repercussões de vozes femininas nas literaturas indígenas, africanas e afro-brasileiras.

O dossiê contém 17 artigos agrupados em dois grupos temáticos: literaturas indígenas e literaturas africanas/afro-brasileiras. Faz parte ainda do fascículo uma entrevista com a escritora afro-brasileira Lílian e Deus, uma apresentação do livro dessa escritora intitulado **Não é preciso ter útero para ser mulher** e, por fim, uma resenha do livro **Deslocamentos estéticos**, organizado por Roberta Maria Ferreira Alves e Wellington Marçal de Carvalho.

O primeiro artigo da autora e pesquisadora indígena **Fernanda Vieira**, faz referência a espaços de escuta das epistemologias de *AbyaYala*. Essas vozes reiteram uma literatura indígena de resistência, ou como afirma Vieira, (r)existência à ruptura histórica provocada pela colonização, carregando para a contemporaneidade suas palavras milenares, uma vez que os Povos Originários sempre tiveram voz, tendo sido sistematicamente negada pela ocidentalidade a escuta dessas vozes, epistemologias, sistemas de conhecimento e expressões propondo a construção de novos mundos possíveis.

**Elisane Andressa Kaiser da Silva, Mariana Cortez e Maria Lucia Takua**, tecem reflexões sobre o conto **A indiazinha Chapeuzinho Verde**, com o propósito de preservar a memória cultural de seu povo e desconstruir ideias estereotipadas sobre sua cultura. Na perspectiva da descolonização de seres e saberes, ressaltam a relação de solidariedade, cuidado com a natureza e com os animais, fortes características da cultura indígena Ava Guarani, etnia da escritora e pesquisadora indígena Maria Lucia Takua.

Por sua vez, **Jairo da Silva e Silva** propõe um ensino comprometido com a desconstrução de representações fixas e homogeneizantes que significaram os povos originários, sociedades historicamente silenciadas. Pelos cordéis de Auritha Tabajara, pioneira entre as escritoras indígenas na publicação de livros desse gênero literário no Brasil, o autor percebe formas de a reverberação de vozes femininas indígenas contribuírem para a efetividade da Lei nº 11.645/2018.

O artigo de **Tatiana Proença Magno Lot e Janice Cristine Thiél** analisa a construção de identidade cultural de mulheres indígenas norte-americanas em seu trânsito pelas culturas ancestrais e ocidentais a partir da obra organizada pela autora indígena norte-americana Wilma Mankiller, revelando identidades femininas não individualistas, nas marcas deixadas pelo colonialismo, a forte ligação dos indígenas à terra e seu senso de comunidade. As autoras ressaltam o papel da literatura indígena como agente de letramento multicultural.

**Matilde Silva**, pesquisadora indígena Makuxi, e **Ananda Machado** refletem sobre os processos de construção das identidades indígenas na comunidade e na cidade. O texto analisa alguns motivos que levam os indígenas ora a esconder suas origens étnicas (MUNDURUKU, 2012; BANIWA, 2006), ora a reforçar uma identidade construída, vivida e sonhada (WERÁ, 2017). Inclui uma análise crítica embasada nas teorias de desindianização, hibridismo cultural (CANCLINI, 2015) e entrelugar (BHABHA, 2003).

A discussão apresentada por **Jama Peres Pereira e Ananda Machado** analisam estratégias de recriação e valorização de imagens sobre os indígenas e seus referentes culturais. Ao tomar por base a experiência dos indígenas Wapichana, etnia da primeira autora, que vivem em contexto transfronteiriço e urbano, são apresentadas ponderações sobre a literatura indígena brasileira constituindo-se como voz-práxis ativista feminina, engajada, em

que cada indígena assume esse papel de promover a singularidade e a diversidade cultural de seus povos.

**Randra Kevelyn Barbosa Barros** pontua a presença feminina como fundamental nas literaturas indígenas contemporâneas, com a conquista de espaços nas editoras, escolas e também em pesquisas acadêmicas. A autoria das mulheres é marcante no campo literário e intelectual, como o de Graça Graúna (Potiguara) e Márcia Wayna Kambeba (Omágua/Kambeba) que escrevem para ativar memórias e reconstruir as próprias identidades. Barros examinou as poéticas indígenas elaboradas pelas autoras nos textos “Porantinando” (Graça Graúna); e “AyKakyriTama” (Márcia Kambeba), recorrendo às discussões sobre apropriação transformadora (MARTÍN-BARBERO, 1997); emergência do movimento literário indígena (POTIGUARA, 2020); auto-história (SIOUI, 1989; GRAÚNA, 2013), fundamentais para expandir o campo literário indígena contemporâneo.

**Carlos Augusto de Melo** realiza leituras analíticas de poemas que compõem o livro **AyKakyriTama: eu moro na cidade** (2013, 2018), da escritora indígena Márcia Wayna Kambeba, evidenciando aspectos dos movimentos das literaturas indígenas, com seus engajamentos políticos, históricos, sociais e estético-literários. Sua análise é fundamentada nas perspectivas das filosofias indígenas e dos pensamentos decoloniais, descoloniais, como se encontram em trabalhos de Ailton Krenak (2019), Graça Graúna (2013), entre outros.

A partir do mesmo livro de Kambeba **Ângela da Silva Gomes Poz** utiliza arcabouço teórico majoritariamente de autoria indígena para destacar as vozes, sabedorias e tecnologias indígenas, reconhecendo-as como milenares. A pesquisadora identifica o ato de ler as poesias de Kambeba como uma oportunidade de vencer preconceitos arraigados numa sociedade excludente, ampliando percepções de mundo.

Resta evidenciado que a primeira parte do dossiê permite uma reflexão sobre a literatura indígena como agente de disseminação de visões de mundo da alteridade de mulheres indígenas.

Abrindo a segunda parte deste dossiê, contamos com uma transição estabelecida pelo diálogo entre a literatura indígena e a literatura afro-brasileira através do que é analisado por **Heliene Rosa da Costa**, estabelecendo aproximações e distanciamentos a partir de uma

leitura crítica e bem fundamentada dos poemas “Força ancestral”, da poeta Cristiane Sobral em **Terra negra** (2017) e “Mergulho fundo” da escritora indígena Márcia Kambeba, na obra **Saberes da floresta** (2020). A pesquisadora delinea pontos de aproximação baseados nas experiências com o sagrado entre as epistemologias afrodescendentes e as indígenas brasileiras. Assim, estabelece a relação básica entre espiritualidade e resistência, delimitada no universo das culturas afro-brasileiras e indígenas.

**Joely Coelho Santiago** e **Rosália Aparecida da Silva** buscam legitimizar vozes femininas ancestrais de mulheres quilombolas do Vale do Guaporé, no Estado de Rondônia, na região Norte brasileira, analisando indiretamente histórias, culturas e tradições femininas. O percurso se estrutura a partir da contextualização do processo de formação das comunidades quilombolas rondonienses e dos estudos sobre feminismo negro. Suas questões conduziram a análise feita através de um estudo etnográfico, desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, documental e de campo.

Por sua vez, **Pedro Afonso Barth** apresenta importante análise de poemas da escritora, professora, intelectual, pesquisadora, ministra e militante guineense Odete Semedo, em cuja lírica evidencia a voz de sua nação ao mesmo tempo em que questiona a condição subalternizada imposta às mulheres de países que enfrentam as agruras do processo de colonização. Barth salienta, todavia, que esses poemas materializam o enfrentamento e emancipação de um eu lírico e de uma nação guineense cuja tenacidade faz do lamento e da dor substrato para significar e narrar, pelo viés do subalternizado, a própria história e desenho da guineidade.

Por seu turno, **Manuela Luiza de Souza** e **Roberta Maria Ferreira Alves** investigam como se encena um padrão de beleza em diferentes contextos artísticos: literário, cinematográfico e musical. O foco se volta para se pensar como um modelo capilar pode ser tido como determinante de manifestação de poder/submissão, ou, superioridade/subalternidade, ou ainda, identidade/incompatibilidade. Souza e Alves, ao alinhar o debate da questão racial, construíram a análise centralizando a presença do cabelo crespo nas distintas elaborações artísticas selecionadas e, por conseguinte, destacando a

ocorrência de reverberações de vozes femininas, nuançadas, especificamente, em relação à imposição de beleza dos cabelos.

As reflexões de **Bruna Carla dos Santos** focalizam as estratégias poéticas de Conceição Evaristo, que permitem conhecer percursos da memória individual e coletiva encenados. Alinhava a discussão do termo *Banzo*, presente da lírica de Evaristo, aos sentidos do conceito “escrevivência”, cunhado pela própria escritora. Santos sublinha o fato de que nesses poemas o passado rememorado compartilha experiências de vidas subalternizadas que não deixaram de ofertar, para seus descendentes, exemplos de luta e vivência afetiva na coletividade.

Os escritos de Conceição Evaristo também são objeto de análise apresentada por **Adriana Teixeira de Oliveira Kató** e **Fabiana Pereira de Assis**. As pesquisadoras tecem reflexões de viés genderizado e decolonial para ressaltar a presença de personagens femininas fortes, na enunciação de contos selecionados da obra **Olhos d’água** (2017), cujas vivências cotidianas desatam mordanças impostas a elas pela sociedade de que fazem parte. O aporte teórico sobre a literatura feminina negra advoga o fato de que as mulheres negras incluem na literatura novos sujeitos de enunciação, rompendo, não sem muita luta, projetos que operam para silenciar e privar suas escritas.

**Luzia da Silva Melo** e **Monaliza Rios Silva** debruçam-se também sobre **Olhos d’água**, com o objetivo de investigar o processo de escrevivência, do retorno simbólico das personagens a suas origens, por meio da busca por elementos da religião e cultura africana. A amefricanidade (GONZÁLEZ, 1988) é composta por atravessamentos de opressões e pelo fortalecimento das lutas das mulheres negras no Brasil.

A pesquisadora **Franciane Conceição Silva** reflete sobre a violência na análise do conto “Um só gole”, extraído da coletânea **Mulher mat(r)iz** (2011), de Miriam Alves, escritora negro-brasileira. Os textos poéticos e ficcionais são discutidos junto aos efeitos da violência racial no processo de construção identitária da protagonista, como tentativa de compreensão dos mecanismos de manifestação do racismo e as suas consequências. As reflexões são embasadas em textos da crítica literária, bem como de outros campos de saber, tais como, Psicanálise, Filosofia e Sociologia.



---

Abrilhanta o mosaico de reflexões apresentadas a entrevista concedida pela escritora, mãe, intelectual, professora, pesquisadora afro-brasileira **Lílian Paula Serra e Deus**, a **Wellington Marçal de Carvalho**. Nela, se oportuniza conhecer alguns elementos de ordem biográfica de Lílian e Deus, bem como dos mecanismos de sua escrita literária, aqui compreendida enquanto móvel de cura. Ato contínuo tem-se uma apresentação do livro de contos dessa escritora intitulado **Não é preciso ter útero para ser mulher**, ressaltando o caráter insurgente da escrita que formata, de acordo Carvalho, cada uma das estórias.

A última peça de encaixe deste nosso dossiê é a resenha do livro **Deslocamentos estéticos** (2020), organizado por **Roberta Maria Ferreira Alves** e **Wellington Marçal de Carvalho**. Alves explicita que o exemplar reúne várias reflexões sobre literaturas africanas e literaturas afro-descendentes em diálogo com as artes plásticas, com o cinema, com a televisão, tendo como fio condutor as reverberações estéticas em movimentos diaspóricos de formação de identidades.

Por fim, e tão importante quanto, nós, organizadores deste mosaico, registramos nossos sinceros agradecimentos ao conjunto dos avaliadores que, voluntariamente, deram incomensurável contribuição para a construção dessa obra coletiva. De igual modo reiteramos nossa gratidão pela pronta e sempre positiva acolhida da proposta pelo Professor Dr. Miguel Nenevé e a equipe editorial da **Revista Igarapé**.

Desejamos uma boa e inquietante leitura a todas e todos!

Wellington Marçal de Carvalho  
Roberta Maria Ferreira Alves  
Ananda Machado